

Por uma geopoética do território: caminhos sensíveis e resistências contra-hegemônicas

*For a geopoetics of territory: sensitive pathways
and counter-hegemonic resistances*

*Por una geopoética del territorio: caminos
sensibles y resistencias contrahegemónica*

Danieli Barbosa de Araujo

Universidade Estadual de Londrina

danieli.araujo@uel.br

Caio Cezar Cunha

Universidade Estadual de Londrina

caiocezar.cunha@uel.br

Jeani Delgado Paschoal Moura

Universidade Estadual de Londrina

jeanimoura@uel.br

Resumo: No contexto das discussões contemporâneas sobre a construção de uma ciência a partir dos saberes populares, das territorialidades e da necessidade de uma relação íntima com a Terra, a geopoética emerge como um caminho. Idealizada por Kenneth White, essa teoria-prática oferece uma forma interdisciplinar e sensível de repensar nossa relação com o mundo. A geopoética promove a produção de conhecimentos a partir do lugar, das experiências, dos modos de vida dos sujeitos e de seus territórios, tecendo caminhos para sentipensar a Terra. O objetivo é demonstrar como a geopoética pode subverter narrativas

dominantes, valorizar subjetividades e contribuir para uma visão inclusiva e plural dos espaços habitados. A metodologia utilizada é qualitativa, baseada em uma pesquisa bibliográfica exploratória. Os resultados indicam que a geopoética permite acessar simbolismos e significações inerentes às paisagens, valorizando a diversidade e a participação ativa das comunidades na construção de suas histórias e identidades territoriais.

Palavras-chave: Geopoética. Narrativas não-hegemônicas. Sentipensar. Saberes populares.

Abstract: In the context of contemporary discussions about building a science based on popular knowledge, territorialities, and the need for an intimate relationship with the Earth, geopoetics emerges as a pathway. Conceived by Kenneth White, this theory-practice offers an interdisciplinary and sensitive approach to rethinking our relationship with the world. Geopoetics fosters the production of knowledge rooted in place, experiences, the ways of life of individuals, and their territories, weaving pathways to "sentipensar" the Earth. The objective is to demonstrate how geopoetics can subvert dominant narratives, value subjectivities, and contribute to an inclusive and plural vision of inhabited spaces. The methodology employed is qualitative, based on exploratory bibliographic research. The findings indicate that geopoetics allows access to the symbols and meanings inherent in landscapes, valuing diversity and the active participation of communities in constructing their histories and territorial identities.

Keywords: Geopoética. Narrativas no hegemónicas. Sentipensar. Saberes populares.

Resumén: En el contexto de las discusiones contemporáneas sobre la construcción de una ciencia a partir de los saberes populares, las territorialidades y la necesidad de una relación íntima con la Tierra, la geopoética emerge como un camino. Idealizada por Kenneth White, esta teoría-práctica ofrece una forma interdisciplinaria y sensible de repensar nuestra relación con el mundo. La geopoética promueve la producción de conocimientos desde el lugar, las

experiencias, los modos de vida de los sujetos y sus territorios, tejiendo caminos para sentipensar la Tierra. El objetivo es demostrar cómo la geopoética puede subvertir narrativas dominantes, valorar subjetividades y contribuir a una visión inclusiva y plural de los espacios habitados. La metodología utilizada es cualitativa, basada en una investigación bibliográfica exploratoria. Los resultados indican que la geopoética permite acceder a simbolismos y significados inherentes a los paisajes, valorando la diversidad y la participación activa de las comunidades en la construcción de sus historias e identidades territoriales.

Palabras clave: Geografía. Paisage. Espacio. Lugar. Territorio.

Introdução

“Se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas” (Krenak, 2022, p.21). Como afirma Krenak (2022), líder indígena brasileiro, o colonialismo impôs uma visão que nos iguala, muitas vezes, ocultando a riqueza das diferenças que definem nossa relação com o espaço. Todavia, na contramão, o território, em suas múltiplas dimensões geográficas, culturais e sociais, transcende o espaço físico delimitado por relações de poder, incorporando significados simbólicos, históricos e emocionais que refletem as experiências e relações das comunidades que o habitam (Haesbaert, 2004).

Nesse cenário, a geopoética, teoria-prática idealizada pelo escritor franco-escoês Kenneth White, ao propor uma relação sensível e inteligente com a Terra, se apresenta como um caminho para repensar nossa relação com o mundo. Através da geopoética, é possível compreender as relações homem-meio de maneira sensível, valorizando a diversidade e a singularidade das experiências humanas no território, bem como promovendo a criação conjunta de conhecimentos que integrem a ciência e a sabedoria popular nos contextos locais. Isso implica reconhecer as subjetividades nas lutas contra estruturas de poder dominantes, rompendo com a visão colonialista que iguala e homogeniza.

A geopoética nos convida a sentir o pulsar dos territórios e a ouvir suas vozes silenciadas. Como forma de expressão, permite que as pessoas compartilhem suas experiências, memórias e sentimentos, ampliando a compreensão e a vivência dos territórios para além da simples descrição física dos espaços. Dessa forma, o presente texto objetiva refletir sobre como a geopoética pode enriquecer a compreensão dos territórios e promover formas de resistência. Busca-se demonstrar como a mesma se apresenta como via e práxis contra-hegemônica, subvertendo narrativas dominantes, valorizando as subjetividades e contribuindo para uma visão inclusiva e plural dos espaços que habitamos.

A metodologia adotada na presente pesquisa é qualitativa, fundamentando-se na abordagem humanista da Geografia e envolvendo uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico. As reflexões apresentadas nesse trabalho são desenvolvidas como desdobramentos e projeções elaboradas a

partir de um estudo preliminar, originado da tese de doutorado *Geo[grafias]poéticas: entre educação e modos sensíveis de habitar*.

O artigo está organizado em duas partes. A primeira, intitulada *Geopoética: um caminho para "Sentipensar" a Terra*, explora como a geopoética nos convida a reavaliar nossa conexão com o mundo, apresentando-se como um caminho para "sentirpensar" a Terra, inspirando novas formas de conhecimento, criação e ação. A segunda parte, *Geopoética como práxis contra-hegemônica*, demonstra como o projeto geopoético se configura como uma forma de resistência e questionamento à espetacularização contemporânea, nos orientando na construção de caminhos sensíveis e na promoção de resistências poéticas.

Geopoética: um caminho para “sentipensar” a Terra

A geopoética nos convida a transcender as fronteiras do conhecimento convencional e a valorizar a riqueza das experiências humanas. Este movimento celebra a diversidade de formas de perceber e interpretar o mundo, enfatizando a importância dos saberes locais e das sensibilidades territoriais. A geopoética propõe uma reconexão profunda com a Terra, destacando a necessidade de integrar os conhecimentos tradicionais e as expressões culturais no entendimento do nosso entorno (White, 2014).

O poema de Éliton Seára (2013), em confluência geopoética, nos convida a refletir sobre as múltiplas formas de conhecimento e aprendizado que vão além do tradicional "ler e escrever".

Aprender que o aprender
 Não está somente no ler e escrever
 Mas que existem outras formas de saber
 A do viver, a do sentir, de quem chora de quem ri
 Da dona Maria ao seu João
 Que contam histórias com muita emoção
 Do pescador ao catador de latinha
 Que vive na rua aprendendo com a vida
 Do samba de roda ao boi de mamão
 Que contam cultura através da canção
 Do grafite no muro a pipa no ar
 Que pintam pro mundo educação popular

(Seára, 2013, p.1)

Em sua sensibilidade, o autor enaltece a sabedoria cotidiana e cultural, representada pelas histórias de pessoas comuns: pescadores, catadores, sambistas e grafiteiros. O poema ressoa com questionamentos contemporâneos sobre a lógica universal da ciência moderna, a qual, frequentemente, limita o reconhecimento e a valorização de saberes populares. As experiências cotidianas, como portadoras de saberes, se faz presente na geopoética de Kenneth White (2014), que enfatiza a importância de reconectar-se com o mundo através das experiências locais e das narrativas enraizadas no território, valorizando os conhecimentos e sensibilidades que emergem diretamente do contato humano com a terra.

Nesse movimento de reflexão, os questionamentos e tensionamentos sobre a lógica universal da ciência moderna abrem espaço para pensar outras formas de produção de conhecimento. Essas formas devem estar situadas em lugares contextualizados com as percepções socioambientais e culturais dos sujeitos, bem como ancoradas em um compromisso político (Cichoski, Corona, & Rubin-Oliveira, 2013, p. 39). Assim, esse tensionar nos convida a um espaço próprio, como aponta Escobar (2015), onde é possível reengajar o pensamento com a vida e revisitar a diversidade de saberes que ainda sustentam aqueles cujas experiências já não conseguem ser lidas a partir do saber acadêmico.

Os saberes gerados nas experiências cotidianas, nas lutas territoriais, nas comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas, fornecem elementos fundamentais na tomada de consciência da profunda transição cultural e ecológica que enfrentamos, marcada pela crise do clima, da alimentação, da energia, da pobreza e dos significados (Escobar, 2015). Esses saberes estão sintonizados com as necessidades da Terra. Aqueles que os produzem praticam o sentipensar com a Terra, integrando pensamento e sentimento, apontando para um momento em que seres humanos e o planeta, precisam, urgentemente, coexistir de maneira reciprocamente enriquecedora (Escobar, 2015).

O sentipensar, na perspectiva de Fals Borda (2015), representa a integração entre mente e coração, razão e emoção, promovendo relações horizontais nos processos de pensar e agir. Este conceito busca estabelecer conexões entre sujeitos em iniciativas participativas, direcionadas para a transformação social. O sentipensar, desafiando a tradicional separação entre

conhecimento teórico e prático, enfatiza a importância das experiências das comunidades no desenvolvimento do conhecimento.

Em consonância com tais ideias, nota-se profunda aproximação com a geopoética, entendendo-a como um caminho possível para sentipensar a Terra. Em resposta à fragmentação e à crise de sentido da cultura contemporânea, surge a geopoética, proposta pelo filósofo e poeta Kenneth White. Combinando as palavras "geo" - referente à Terra - e "poética" - referente à criação - a geopoética apresenta-se como uma teoria-prática que pode nos ajudar a compreender e habitar o mundo de forma significativa.

Ambos os conceitos, sentipensar e geopoética, enfatizam a importância de uma teoria-prática que una razão e emoção, produzindo conhecimentos aliados à experiência e em equilíbrio entre o saber científico e os saberes populares. Valorizam a experiência sensível, a subjetividade e as narrativas locais e não-hegemônicas. Dão importância às experiências individuais e comunitárias com o território e reconhecem que a relação com a Terra é carregada de significados culturais e afetivos que vão além das análises objetivas e quantitativas. Assim, ambos os conceitos convidam a uma compreensão do nosso lugar no mundo, destacando a importância de uma conexão íntima e reflexiva com os ambientes que nos cercam, isto é, um chamado para o habitar poético.

Viver poeticamente na Terra, segundo White (2019), envolve uma forma de existência que é simultaneamente estética, ética e consciente do nosso ambiente natural e cultural. Isso implica agir de forma responsável. A Terra, em sua vastidão e complexidade, torna-se, na perspectiva geopoética, o motivo central para uma cultura mundial do futuro, inspirando novas formas de criação e expressão. "Para uma cultura mundial hoje, além das diversas ideologias, qual poderia ser o motivo central? A resposta se impõe: a Terra, sobre a qual nós tentamos - na maioria das vezes, muito mal - viver" (White, 2019, n.p.).

Ao considerar a Terra como um motivo central para uma cultura mundial, como defende White (2019), somos incentivados a transcender ideologias fragmentárias, abraçar saberes múltiplos e novas epistemes. Na medida em que reconhecemos que a Terra é a realidade comum dos seres terrenos, o sentido de responsabilidade e cultura deve permear o modo de ser e estar no mundo, e o contato com a Terra, naturalmente, nos ensinará, maneiras conscientes de

viver. O que White defende é uma nova perspectiva cultural na qual os vários domínios em que o conhecimento foi separado possam ser unificados por uma poética que coloca o planeta Terra no centro da experiência (Mcfadyen, 2018, n.p.).

Nós, seres modernos, como aponta Escobar (2015), perdemos nossa relação essencial com o universo. Todavia, devemos restaurá-la para alcançar uma nova intimidade com a Terra. Sendo a primeira sociedade radicalmente antropocêntrica, como aponta o autor, tornamo-nos pessoas racionais e sem sonhos. Todavia, já que não podemos ter intimidade com a Terra sob um paradigma mecânico, precisamos urgentemente de uma “nova história” que nos permita reconectar o sagrado com o universo, o humano e o não-humano (Escobar, 2015). É nesse sentido que gostaríamos de situar a geopoética.

Alicerçada no nomadismo intelectual, conceito whiteano, que explora diferentes territórios culturais, intelectuais e geográficos, a geopoética busca convergências entre ciência, filosofia e poesia. O nomadismo busca um tipo de exploração intelectual que transcende as fronteiras e limites convencionais da produção de conhecimento, promovendo uma visão interdisciplinar entre diferentes áreas do saber e formas de expressão. É um modo de pensar que se desvia das abordagens rígidas e especializadas da cultura ocidental moderna, envolvendo um movimento de diferentes tradições, culturas e perspectivas. Entende-se o nomadismo intelectual, na concepção de Kenneth White (2008), como uma abordagem intelectual que recusa a se fixar em uma única visão de mundo ou metodologia, adotando um movimento “nômade” - em busca de novas ideias e experiências.

O conceito visa desafiar paradigmas, sendo uma forma de pensar que questiona e transcende os limites do conhecimento estabelecido, propondo novas maneiras de ver e entender o mundo. O nomadismo intelectual também busca uma reconexão com o sagrado e o poético. White (2008) acredita que a cultura moderna perdeu sua capacidade de se conectar com o mundo de maneira significativa, e o nomadismo busca reverter isso ao explorar o lado mais poético da experiência humana.

Nesse sentido, ao assumir a postura de um intelectual nômade, transcendendo os limites das disciplinas acadêmicas tradicionais, questionando as normas culturais e científicas predominantes e buscando convergências entre

diferentes campos do saber, a geopoética nos convida a celebrar as geografias locais. É nesse sentido, que a geopoética apresenta-se enquanto um convite para repensar nossa relação com o mundo, isto é, sentipensar a Terra, abrindo espaço para novas formas de conhecimento, criação e ação. Através da geopoética, podemos habitar e expressar a Terra, reconhecendo suas diferentes vozes e territorialidades.

Incentivando-nos a ultrapassar as fronteiras do conhecimento convencional e a valorizar a riqueza das experiências humanas, White (2014) defende a necessidade de um "arquipélago geopoético". Esse conceito refere-se a uma visão de mundo em que diferentes culturas, conhecimentos e expressões artísticas são vistos como ilhas interconectadas. Cada ilha representa uma forma única de perceber e interpretar o mundo, fundamentada em experiências locais, saberes tradicionais e sensibilidades territoriais. Essas ilhas não são isoladas, mas conectadas por um "mar comum" de experiências humanas e naturais.

A ideia demonstra que o conhecimento e a compreensão do mundo não devem ser fixos em um único lugar ou perspectiva, mas sim estar em constante movimento. White (2014) promove a ideia de um pensamento que viaja e se transforma, absorvendo influências diversas e formando conexões entre diferentes pontos do saber. Esse movimento valoriza a interdisciplinaridade e a transnacionalidade, propondo uma abertura para novas experiências e conhecimentos. White (2014), nesse contexto, vê a geopoética como uma jornada de descoberta, onde o indivíduo explora o mundo e sua própria interioridade de forma simultânea, criando um diálogo entre o espaço exterior e o espaço interior.

Escobar (2015), em sua obra *Sentirpernsar con la Tierra*, defende a importância de analisarmos quais são os "discursos de transição" vigentes na contemporaneidade. Esses discursos referem-se às narrativas e práticas que visam promover mudanças significativas em nossas estruturas culturais e ecológicas, em resposta às crises que assolam o planeta. Para o autor, essas múltiplas narrativas de transição e formas de ativismo, tanto no Norte quanto no Sul Global, tem articulado genuínas transições em direção a modelos sociais diferentes, indo além das estratégias que oferecem soluções antropocêntricas. Nesse contexto, o autor defende um esforço para reunir os diversos discursos de transição, estimulando-os.

O movimento geopoético, em sua ascensão, pode ser visto como um desses discursos de transição, com grande potencial para o sentirpensar latino-americano, oferecendo novas perspectivas e práticas para entender e transformar a relação sujeito-meio. Veremos, adiante, como a geopoética tem sido empregada em diversos contextos, revelando-se como uma narrativa de transição.

Geopoética como práxis contra-hegemônica

Como um modo de compreender e expressar nossa relação com o mundo, a geopoética permite acessar os simbolismos e significações inerentes à paisagem em um encontro inevitável com a Geografia. Ao valorizar as experiências e reconhecê-las como base fundante do conhecimento, abre possibilidades para a busca de uma relação sensível com a Terra, resgatando valores estéticos, místicos e sagrados que regem nossa existência, reconhecendo que essa relação terrestre não pode ser inteiramente compreendida por leis invariáveis e universalmente válidas (Araujo, 2022).

O projeto geopoético é um modo de resistência e questionamento à atual espetacularização; uma crítica às teorias hegemônicas. Exige, como aponta Mcfadyen (2018), uma abertura e prontidão para reconhecer e abandonar autoritarismos, suposições filosóficas e a bagagem cultural de uma linguagem pautada em uma ditadura do discurso. A geopoética é, de várias maneiras, um processo de desaprendizagem radical, é uma busca por descolonizar a mente, buscando, como chamou White (2014), uma “nova cartografia mental”, um novo mapeamento de nosso relacionamento com o mundo.

Uma de suas premissas básicas é a leitura crítica e sensível da realidade. Através da análise crítica das paisagens, dos territórios, desvendam-se as marcas da história colonial, da exploração capitalista e da luta pela justiça social. Ao mesmo tempo, em seu olhar sensível, celebra-se a diversidade dos territórios, reconhecendo-os como espaços de memória, luta e resistência, ressaltando a riqueza cultural e a força criativa dos povos que os habitam. Assim, a geopoética emerge como uma força que nos guia na construção de caminhos sensíveis e na promoção de resistências poéticas contra-hegemônicas,

valorizando a diversidade, a inclusão e a participação ativa das comunidades na construção de suas histórias e identidades territoriais.

Fernando Aínsa, escritor e crítico literário uruguaio, propõe a geopoética como um campo de estudo que explora a relação entre a literatura e o espaço. Em sua obra *Del topos al logos: propuestas de Geopoética*, Aínsa (2007) argumenta que a literatura latino-americana tem sido fundamental na construção da identidade cultural do continente, ao representar e interpretar seus diversos espaços geográficos. Através da análise crítica e criativa da literatura, Aínsa (2007) revela como a natureza é apropriada pela palavra e transformada em paisagem literária, servindo como um instrumento para questionar visões hegemônicas e promover a valorização da diversidade cultural. O autor revela como a literatura pode contestar narrativas “oficiais”, dando voz a grupos marginalizados e questionando relações de poder.

A obra de Fernando Aínsa, com sua proposta geopoética, representa uma importante contribuição para os estudos literários e para a construção de uma visão mais complexa e plural da identidade cultural dos latino-americanos. Ao desafiar as narrativas hegemônicas e promover a valorização da diversidade, a geopoética se torna um instrumento fundamental para a construção de uma América Latina mais justa e democrática.

Em um movimento similar, compreendendo a geopoética como práxis contra-hegemônica, Nassar (2021), em sua obra *Geopoetics: Storytelling against Mastery*, relata que a geopoética oferece um espaço aberto para experimentação, rompendo com entendimentos acadêmicos dominantes e contrapondo-se a uma narrativa universal e unívoca do mundo. A autora sugere que a geopoética pode desafiar e expandir os modos tradicionais de conhecimento, proporcionando uma compreensão plural e dinâmica do mundo. Ela demonstra como a geopoética, conforme anuncia o título do seu trabalho, pode construir narrativas que se opõem as formas de domínio.

Em um contexto semelhante, Federico Ferretti (2020), em seu artigo *From the drought to the mud: Rediscovering geopoetics and cultural hybridity from the Global South*, propõe uma abordagem decolonial da geopoética, destacando a importância de reexaminar ideias e práticas associadas a este conceito através de autores e tradições (geo)poéticas do Sul Global. Ferretti (2020) argumenta que a geopoética não apenas amplia os horizontes da geografia cultural, mas

também desafia as divisões epistemológicas tradicionais entre natureza e cultura, ao incorporar hibridismos étnicos e heranças culturais encontradas no continente.

Ferretti (2020) destaca a importância de (re)pensar e desenvolver a geopoética no contexto do Sul Global, enfatizando a necessidade de reconhecer e valorizar as diversas formas de hibridização que caracterizam essas regiões. Em contraste com as abordagens convencionais predominantemente ocidentais, a geopoética do Sul Global questiona e desafia as divisões binárias entre natureza e cultura, promovendo uma visão mais contextualizada dos territórios. O autor destaca como narrativas e poéticas locais, não apenas enriquecem a compreensão geográfica, mas também são essenciais para abordar questões sociais, políticas e ambientais urgentes.

Explorando a geopoética como praxis, Rachel Bouvet (2012), estudiosa do tema, propõe uma metodologia para aplicar a geopoética em diversos contextos, demonstrando o potencial dessa teoria para construir novas narrativas do espaço e resgatar as experiências como base fundante do conhecimento. Denominada "cadernos de navegação geopoética" ou "carnets de navigation géopoétique", essa metodologia busca proporcionar um novo olhar sobre os espaços que nos cercam e práticas que redescubram o sentido do gesto de habitar.

A criação da metodologia por Rachel Bouvet (2012) surge de uma reflexão sobre a interação entre literatura e geografia. Motivada pela necessidade de transcender as limitações impostas pelas abordagens acadêmicas convencionais, Bouvet (2012) propôs uma metodologia que se originou da busca por um entrelaçamento mais profundo entre as disciplinas. Sua inspiração emergiu do reconhecimento de que, historicamente, a teoria literária tendia a conceber o texto como um ente isolado, alheio à realidade espacial. Ao mesmo tempo, a Geografia, embora fundamentada na exploração física de lugares, muitas vezes negligenciava a profundidade das experiências humanas (Araujo; Moura, 2024).

Promovendo "ateliers nômades" – espaços itinerantes que propõem práticas de saída para explorar, sentir e conhecer o espaço – Rachel Bouvet inaugura a base de sua metodologia. Esses ateliers desencadeiam a concepção e a materialização dos "cadernos de navegação geopoética", que conservam os

traços das experiências dos lugares, reunindo fotos, poemas e relatos. Assim, por meio das saídas em grupo, mesclando conhecimento científico, criação literária, observação, experiência, razão, sentimentos, leituras e a própria arquitetura do espaço, surgem os cadernos de navegação, que são uma reunião de perspectivas e relatos sobre os lugares visitados.

A metodologia apresentada por Rachel Bouvet (2012) propõe uma renovação da leitura da paisagem, interrogando a maneira que interagimos com o espaço e buscando desenvolver uma relação sensível com o ambiente. Sua metodologia parte de três perspectivas. a) A primeira é a *exploração física do lugar*, aflorando a percepção e interação direta com a paisagem. b) A segunda compreende a busca por *uma interação com pessoas ou intervenções* feitas por aqueles que tenham conhecimento aprofundado do sítio a ser visitado ou do assunto a ser debatido, seja por vivência ou mesmo conhecimentos históricos, geográficos e científicos. c) A terceira fase ilustra a *elaboração de atividades criativas*, tanto individuais quanto coletivas, que refletem as etapas anteriores do processo. Essas atividades abrangem desde desenhos, notas de observação, relatos, fotografias, colagens até a composição de poemas e mapas, buscando expressar as vivências e descobertas durante o atelier nômade (Araujo; Moura, 2024).

A metodologia proposta por Rachel Bouvet (2012), configura-se em uma prática que não apenas valoriza a experiência pessoal e coletiva, mas também desafia as narrativas prontas sobre o espaço. Ao enfatizar a conexão entre conhecimento, experiência e criatividade, abre espaço para a construção de novas formas de entendimento e relação com o espaço vivido, contribuindo para a construção de resistências poéticas.

Em aproximação com a metodologia proposta por Rachel Bouvet, explorando o potencial da perspectiva geopoética e entendendo-a como uma teoria-prática, temos desenvolvido pesquisas que sustentam a geopoética como um modo de questionamento e produção de saberes a partir da experiência. Em uma pesquisa recente, *Cadernos de navegação geopoética: uma abordagem humanista na compreensão do lugar*, explorando as poéticas urbanas, investigamos a experiência corpórea como um modo de compreensão da nossa relação existencial com a Terra. Assim como Bouvet (2012) busca renovar a leitura da paisagem por meio de sua metodologia, este trabalho propôs ver a cidade como um espaço vivo, repleto de significados, sonhos e desejos,

convidando-nos a estabelecer uma relação íntima com a cidade e desafiando as representações convencionais do espaço urbano.

Em uma pesquisa mais aprofundada, em um outro trabalho, *Geo[grafias]poéticas: entre educação e modos sensíveis de habitar*, fruto de uma tese de doutorado, investigamos caminhos para promover um fazer geográfico que resgate nossa inteligência nativa com a Terra, buscando um habitar com intencionalidade original. Demonstramos, ao longo da pesquisa, que a geopoética proporciona uma educação estética de mundo, desenvolvendo uma percepção sensorial que reinventa e faz emergir novos modos de pensar e habitar os ambientes. Por meio da geopoética, a pesquisa nos convida à imersão no nomadismo intelectual, promovendo um encontro físico com os lugares e um novo modo de caminhar no/pelo mundo.

O movimento geopoético, ao nosso ver, em sua práxis, caminha para a construção de “territórios possíveis” (Bozzano, 2017). Esses territórios promovem visões alternativas de futuro, permitindo a construção de realidades mais inclusivas e sustentáveis. Bozzano (2017) afirma que é nas fragilidades que o possível se insinua, pronto para ser ativado por nosso vetor de intencionalidade. A geopoética, ao enfatizar a importância das experiências, do contato com o mundo, do ouvir e dar voz ao outro e expressar suas geograficidades - isto é, a cumplicidade natural do homem com a Terra (Dardel, 2011), promove a co-construção de territórios possíveis. Ouvir o outro, como aponta Bozzano (2017), envolve mais do que apenas captar suas palavras; é compreender profundamente suas vivências, pensamentos e projeções para o futuro.

Esse processo de escuta é essencial para a co-construção de territórios possíveis, que superarem as limitações e fragilidades dos espaços atuais. Entrelaçando o real, o vivido e o pensado, Bozzano (2017) destaca que podemos criar novas possibilidades na construção de realidades mais justas. Assim, ao adotar a geopoética como teoria e prática, situamo-la nesse movimento, de construção de espaços topológicos e espacialidades relacionais.

Considerações finais

Em meio a uma era de racionalidade instrumentalizada, onde a eficiência e a produtividade são priorizadas sobre valores éticos, emocionais e humanos, a geopoética surge como uma forma de “sentipensar”, onde sensibilidade e racionalidade se entrelaçam para criar novas formas de conhecimento e ação. Ao romper com as barreiras do conhecimento tradicional, celebrando a subjetividade e a sensibilidade, amplia os horizontes da experiência humana, inspirando novos modos de vida e novas relações com o terrestre.

Enquanto uma teoria-prática, com um projeto teórico que encoraja a reinvenção de saberes contemporâneos, abraçando as subjetividades, e uma prática que se entrelaça com a realidade social, a geopoética nos convida a explorar novas possibilidades de ser e estar no mundo. Em sua essência crítica e criativa, desafia narrativas dominantes, convidando-nos a dar visibilidade a vozes silenciadas, valorizar sabedorias ancestrais e reconhecer a multiplicidade de saberes que enriquecem nossos territórios.

Adotando um movimento nômade, transitando por diversos territórios do conhecimento, da ciência, da filosofia e da poesia, a geopoética demonstra que o conhecimento e a compreensão da realidade não devem ser restritos a um ponto de vista, mas sim estar em constante movimento. Essa busca por novas ideias e experiências transforma-a em um campo fértil, onde diferentes perspectivas florescem.

Por meio da arte, da escrita, das narrativas e de outras formas de expressão, enraizadas na experiência vivida, a geopoética fortalece identidades e valoriza saberes locais, reconhecendo-os como essenciais para a co-construção do conhecimento. Esse processo colaborativo conflui em diferentes saberes e experiências, permitindo que os sujeitos participem ativamente na criação de novos entendimentos e na transformação de suas realidades.

Assim, em um momento crucial da história da humanidade, em que o futuro do planeta exige novas pedagogias e ontologias da existência que fortaleçam nossa capacidade de ação coletiva e transformadora, a geopoética se apresenta como uma utopia real (Bozzano, 2015). Isso significa que suas proposições não são estritamente idealistas, mas também viáveis, promovendo mudanças significativas nas relações sociais, culturais e ambientais contemporâneas.

Referências

- ARAUJO, D. B. de. *Geo[Grafias]Poéticas: entre educação e modos sensíveis de habitar*. 2022. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.
- ARAUJO, D. B. de; MOURA, J. D. P. *Cadernos de navegação geopoética: Uma abordagem humanista na compreensão do lugar*. Trabalho apresentado no Encontro Internacional de Metodologias Qualitativas de Pesquisa e/ou Ação, Londrina, Brasil, 14 a 16 de março de 2024.
- AÍNSA, F. Propuestas para una geopoética latinoamericana. Archipiélago. *Revista Cultural De Nuestra América*, v. 13, n. 50, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.unam.mx/index.php/archipielago/article/view/20313>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- BOUVET, R. Como habitar o mundo de maneira geopoética? *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 12, n. 1, p. 9-16, 2012.
- BOZZANO, H. *Territorios posibles: procesos, lugares y actores*. 1. ed. Buenos Aires: Lumiere, 2017.
- CICHOSKI, P.; CORONA, H. M. P.; RUBIN-OLIVEIRA, M. Sentipensar o debate socioambiental: Contribuições de Carlos Rodrigues Brandão e Orlando Fals Borda. *Revista Campo-Território*, 2024.
- DARDEL, E. *O homem e a terra*. Tradução de W. Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FALS BORDA, O. *Una sociología sentipensante para América Latina*. Organizado por V. M. Moncayo. México, D. F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.
- FERRETTI, F. From the drought to the mud: Rediscovering geopoetics and cultural hybridity from the Global South. *Hall*, 2020. Disponível em: <https://hal.science/hal-02510475/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KRENAK, A. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MACFADYEN, M. *Finding Radical Hope in Geopoetics*. Scottish Centre for Geopoetics, 2018. Consultado em: 15 abr. 2024. Disponível em: <http://www.geopoetics.org.uk/mcmanus-geopoetics-lecture-mairimcfadyen/>

NASSAR, A. Geopoetics: Storytelling against mastery. *Dialogues in Human Geography*, v. 11, n. 1, p. 27-30, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/2043820620986397>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SEÁRA, É. C. R. Cheiro, gosto, sabor e cor: Experimentando a educação popular como um aprendiz de professor. *Efdeportes*, v. 18, n. 183, 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd183/experimentando-a-educacao-popular.htm>. Acesso em: 10 dez. 2024.

WHITE, K. *O espírito nômade*. São Paulo: Deriva Editores, 2008.

WHITE, K. *Panorama géopoétique: Théorie d'une textonique de la Terre (Carnets de la grande ERRance t. 1)*. [Edição do Kindle]. Paris: Editions de la Revue des Ressources, 2014.

WHITE, K. *O grande projeto geopoético*. Institut International de Géopoétique, 2019. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/artigos/296-o-grande-projeto-geopoetico>. Acesso em: 10 dez. 2024.

Danieli Barbosa de Araujo

Atualmente é professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde realiza pós-doutorado em Geografia (2024–2026), investigando riscos em suas dimensões ontológicas e epistemológicas a partir de uma perspectiva geopoética. É doutora e mestra em Geografia pela mesma instituição, onde também concluiu a graduação em Geografia (licenciatura e bacharelado). Realizou estágio de doutorado sanduíche na Universitat de Barcelona (PDSE/CAPES, 2021–2022). Atua no campo da Geografia Humana e do ensino de Geografia, com interesse em geopoética, geografia humanista e epistemologia da geografia.

E-mail: danieli.araujo@uel.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4225431099248274>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9980-3393>

Caio Cezar Cunha

Realizou pós-doutoramento em Geografia na Universidade Estadual de Londrina (2023– 2025). Doutor e mestre em Geografia pela UEL, onde também concluiu a graduação em Geografia (bacharelado e licenciatura). Atua na área de Geociências, com ênfase em cartografia, geoprocessamento, território e participação popular. Possui experiência em gestão territorial na Secretaria de Assistência Social de Londrina (2013–2016). Realizou estágio no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Coimbra (2017).

E-mail: caiocezar.cunha@uel.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6067197662297453>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4277-0199>

Jeani Delgado Paschoal Moura

Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), tutora do PET-Geografia e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Graduada em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) e especialista em Ensino de Geografia pela UEL. Possui Mestrado e Doutorado em Geografia pela UNESP/Presidente Prudente e pós-doutorado pela UNICAMP. Atua nos campos do ensino de Geografia e da formação docente, epistemologia da geografia, geografia humanista e fenomenologia, geografia dos riscos e educação ambiental, desenvolvendo pesquisas sobre experiência e práticas educativas.

E-mail: jeanimoura@uel.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5834223671367638>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5603-1074>

Recebido para publicação em março de 2025.

Aprovado para publicação em novembro de 2025.